

Educação, modernidade, Brasil – uma resenha de Educação Pública: a invenção do presente, de Luciano Mendes Faria Filho

Alexandre Fernandez Vaz¹

Não é tão comum quanto se desejaria a participação de professores universitários no debate público, mesmo em sua área de atuação profissional. O mais corriqueiro é que o docente se dedique ao seu ofício de ensinar e pesquisar, de fazer extensão. Ou gaste boa parte de seu tempo em tarefas administrativas, atividade que, aliás, representa uma das distorções de nosso sistema de ensino superior, que para ela desloca muitos quadros que não se formaram para tal função. A Universidade, em larga medida, é uma instituição ensimesmada, com pouca ressonância no cotidiano da sociedade, ela pouco debate as questões que dizem respeito ao que se passa fora de seus muros.

Por outro lado, espera-se do que geralmente chamamos de intelectual que este se posicione frente às grandes questões de interesse público ou ainda, mais que isso, que possa compor a agenda de debates de um tempo. Diz-se que os intelectuais são uma categoria em extinção. Em tempos de muita especialização, de encolhimento do espaço público e de avanço do individualismo, talvez estejam mesmo em declínio, seja porque já não se tem a formação ampla e demorada que um dia foi possível, ou porque a competitividade saiu do mundo das ideias. Ela chegou, parece que em definitivo, à egolatria televisiva ou da internet, mais afeita ao espetáculo que à contundência argumentativa e ao rigor crítico da análise.

Não apenas por isso são muito bem vindos os artigos, comentários e ensaios de Luciano Mendes Faria Filho, reunidos em *Educação Pública: a invenção do presente* (Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012), volume da série *Diálogos*, braço da coleção *Pensar a Educação, Pensar o Brasil 1822-2022*, título também do pretensioso projeto coordenado pelo próprio autor do livro. Agrupando textos das últimas duas décadas, já antes publicados em diferentes veículos de divulgação mais ampla, como jornais diários, revistas dirigidas a professores e informativos científicos, além de algum material que apareceu em conferências ou em circulação mais restrita ou que não foi aceito, o livro oferece a oportunidade de observar-se uma reflexão em seu conjunto, pensamento em ação. O laborioso percurso tem lá seu êxito, sem dúvida.

¹ Doutor pela Leibniz Universität Hannover, Alemanha. Professor dos programas de pós-graduação em Educação e Interdisciplinar em Ciências Humanas, da UFSC. Coordenador do Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea (UFSC/CNPq). Pesquisador CNPq.

Faria Filho é pesquisador reconhecido na área de Educação. A posição que procura no conjunto das intervenções do livro não é sempre correspondente a essa condição de excelência, já que o engajamento em questões de interesse da área acadêmica convive com outras investidas, como o combate pelas Humanidades no sistema de Ciência e Tecnologia e a defesa da educação básica como estratégica para o país. É nesse contexto que Faria Filho aponta um paradoxo que precisaria ser superado. Se a educação é um problema nacional, e a tradição intelectual brasileira nunca argumentou contrariamente a isso, é urgente a presença mais efetiva dos educadores no debate sobre ela. Mais que isso, os educadores devem compor o debate sobre as grandes questões nacionais. Bem, é isso que Faria Filho procura fazer; é esse lugar que intenta alcançar.

Educação Pública: a invenção do presente está dividido em três partes, além de uma pequena apresentação e de um prefácio-carta de Eliane Maria Teixeira Lopes. *História, Política, Pesquisa*, chamam-se cada uma delas. A primeira reúne textos mais próximos do ofício do autor, variando do contexto brasileiro ao de Minas Gerais, do Império à cultura urbana e à influência francesa na educação nacional. Distintos na natureza e nos propósitos, são também algo desiguais entre si, em alguns momentos mais analíticos, em outros informativos, pagando o necessário tributo da menor densidade argumentativa, necessário quando se trata de alcançar um público mais amplo, em especial quando o texto tem que ser breve. Suponho que o principal mérito dos textos que compõem essa primeira parte é a ênfase fina na relação entre as particularidades de Minas Gerais em relação ao Brasil, ou, dito de outra forma, como a singularidade mineira pode compor o cenário mais amplo de modernização dos trópicos. O mesmo poderia ser dito, e isso também é tema desses textos, a respeito do Brasil em relação aos processos mais amplos de Ocidentalização, movimento tão bem demarcado, ainda que de forma conservadora, na experiência histórica da escola pública.

Em *Política* encontramos intervenções de combate ora mais amplo, destinadas a um público mais extenso, ora mais restrito, pensadas para um público particularmente interessado. É nessa seção que um texto sugestivamente chamado *Escola pública, o silêncio e o esquecimento dos intelectuais* (no qual encontramos uma nota de rodapé que alerta para o fato de ele ter sido negado à publicação por dois grandes jornais diários), em que Faria Filho argui uma questão bastante central:

No caso do Brasil, chama a atenção que, mesmo quando se discutem esses temas [“silêncio dos intelectuais” e “esquecimento da política”] e, sobretudo, quando se discute sobre as condições para o revigoramento da esfera e da participação públicas, ou, dizendo de

outra forma, quando se propõe o fortalecimento da democracia e do jogo democrático entre nós, mesmo assim, muito pouco se discute sobre o papel da escola pública nessa tarefa (FARIA FILHO, 2012, p. 89).

Haveria no debate intelectual o esquecimento da escola pública. É bom lembrar que entre nós ela nunca foi estratégica, ao contrário do que aconteceu, por exemplo, na Argentina, como destacou uma grande intelectual do país vizinho, Beatriz Sarlo. Lá, mostra Sarlo, a professora primária, *la maestra*, foi uma verdadeira “máquina cultural”. A escola já foi, no entanto, como lembra Faria Filho, um tema de debate e intervenção de nossa intelectualidade. Não deixa de causar espanto tal esquecimento. Ou, talvez, nem tanto, se pensarmos o quanto o país se esmera em ser, nos termos de um retrato para si mesmo, uma nação de consumidores, o que inclui, entre tantos produtos, o sonho da escola privada para os filhos. Se sugiro essa hipótese é porque vivemos tempos um pouco assustadores de um surto desenvolvimentista e fico curioso em saber o que pensa Faria Filho sobre o tema, principalmente por conta de suas ótimas assertivas críticas a respeito da instituição e desenvolvimento dos serviços de atendimento educacional à infância (e as próprias concepções de infância que rondam tais projetos), bem como em relação à profissão docente. Democratização da educação, formação da nação, carreira docente, cuidados com a infância, são todos temas que se entrelaçam em intervenções curtas, mas bastante certeiras.

Finalmente, os textos da seção *Pesquisa* são do maior interesse, ao trazerem comentários pontuais sobre a ciência no Brasil, mas principalmente por polemizarem com várias das questões que rondam os pesquisadores brasileiros, em especial os que se dedicam às Humanidades e especificamente à Educação. *Pesquisa em educação, produtivismo e desencanto com a vida acadêmica: alguns questionamentos*, por exemplo, toca em pontos fundamentais, mas que pouco são debatidos entre pesquisadores e professores universitários. Sem negar as exigências de produção do sistema, mas lembrando que na Educação elas não são tão duras quanto em outras áreas, Faria Filho argumenta que as dificuldades estão em outro lugar. Esse é o das demandas de todo tipo que assombram o cotidiano profissional, fazendo com que destinemos pouco tempo, de fato, à pesquisa, levando-a então a ser realizada com muito sacrifício e inevitável adoecimento. Enorme investimento de cada um em atividades meio; dificuldades em manter uma postura crítica frente às políticas públicas, dado o constante engajamento nos projetos de governo; os destinos da estrutura administrativa dupla (departamental e de pós-graduação): tudo isso seria, como causa ou consequência, muito mais pernicioso à pesquisa do que propriamente as exigências de produção. Ideias que

fazem pensar, hipóteses que merece mais reflexão, muito importantes por nadarem contra a corrente do discurso comum que costuma fazer a defesa encarniçada do sistema ou a crítica generalista e superficial a ele, sem a devida mediação analítica.

Com força semelhante, Faria Filho defende as Humanidades e seu lugar no sistema de Ciência e Tecnologia, enfocando o programa Ciência sem Fronteiras e seu desprezo pelas Ciências do Espírito. O lugar das Humanidades em um projeto de nação é questão, no entanto, da qual Faria Filho não se ocupa, permanecendo ela de forma latente ou como pano de fundo de sua argumentação. Trata-se de questão que merece ser vista mais de perto, em especial em no Brasil em um momento como o que vivemos, em que as abundam crenças desenvolvimentistas de que finalmente nossa hora chegou.

São seminais os textos reunidos nesse livro que já no título traz uma concepção que expõe o tipo de analítica do presente que realiza. Uma próxima edição deve se ocupar de uma revisão mais cuidadosa de cada um deles, o que deve incluir mais informações sobre suas origens e a supressão de algumas repetições. Nada disso empana o brilho do pequeno e potente livro. Que as questões que Faria Filho tem assumido como suas ou que têm sido por ele lançadas sigam sendo convite ao combate de ideias e projetos para a Educação, para o país.

Submissão: Junho de 2013

Publicação: Julho de 2013